

ANÍSIO TEIXEIRA: PREMISSAS DE UM ESTADO TÉCNICO-CIENTÍFICO PARA A EDUCAÇÃO

ANÍSIO TEIXEIRA: PREMISAS DE UN ESTADO TÉCNICO Y CIENTÍFICO PARA LA EDUCACIÓN

Wilson da Silva Santos

Doutor em Educação (UNICAMP), professor da UNEB
wisanvc@yahoo.com.br

Resumo

Este artigo analisa, dentro de seus limites, o legado de Anísio Teixeira para a educação brasileira em sua tentativa de reformar a educação pública sob a ótica da técnica científica. Ele enseja um projeto de sociedade, cujo ponto fulcral é a sustentação do Estado liberal, com base na concepção de que a modernização e a industrialização dependem da instrução pública e que esta forma-se nas práticas científicas. Os possíveis resultados que este estudo chegou traduzem o papel no qual Anísio Teixeira, seja como formulador teórico, seja como intelectual orgânico na burocracia pública, foi, tudo indica, o de fortalecer o Estado, a sociedade política, em detrimento da sociedade civil. E mais, um Estado imbuído de técnica científica. Devido à extensão de sua produção e à diversidade de questões e temas tratados por Anísio Teixeira, foi preciso delimitar questões científicas, políticas e educacionais em artigos, cartas, boletins, minutas de documento e palestras publicados do período compreendido entre 1927 e 1972. Este material produzido pelo pensador baiano encontra-se disponível no CPDOC, da Fundação Getúlio Vargas – FGV, no Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Anísio Teixeira; Educação; Ciência; Técnica.

Resumen

En este artículo se analiza, dentro de sus límites, el legado de Anísio Teixeira para la educación brasileña en su intento de reformar la educación pública en el contexto de la técnica científica. Implica un proyecto de sociedad, cuyo principal objetivo es el apoyo del Estado liberal, basado en la concepción de que la modernización y la industrialización dependen de la

educación pública y que se forma en las prácticas científicas. Los posibles resultados que este estudio llegó traducir la función en el que Anísio Teixeira, ya sea como formulador teórico, ya sea como intelectual orgánico en la burocracia pública, fue, al parecer, para fortalecer el estado, la sociedad política, en detrimento de la sociedad civil. E más, un estado imbuido de la técnica científica. Debido a la magnitud de su producción y la diversidad de temas tratados por Anísio Teixeira, fue necesario definir artículos científicos, políticos y educativos, cartas, boletines de noticias, los borradores de documentos y conferencias publicadas el período entre 1927 y 1972. Este material producido por pensador baiano está disponible en CPDOC, la Fundación Getulio Vargas - FGV, en Río de Janeiro.

Palabras clave: Anísio Teixeira; Educación; Ciencia; Técnica.

1. Introdução

A ideia de modernização da administração educacional, por Anísio Teixeira, está amparada na premente necessidade de uma gestão cujos procedimentos e métodos estejam em consonância com o espaço de convergência da iniciativa científico-experimental. A tônica do educador baiano demonstra o quanto ele estava resoluto em sua proposta de modernização da administração para dissipar a inércia política e burocrática do Estado. A ciência e a técnica eram os termos que respaldavam essa convicção e ofereciam elementos para a conformação de um sistema organizacional do setor público capaz de produzir maior fluidez operacional da educação.

A expressão “Estado-Cientista” ou “Estado-Técnico” pode ser uma designação conferida a Anísio Teixeira. Ele considera que o saber produzido pela ciência física, biológica ou ciência social, bem como as técnicas de apropriação e de transformação que dela resultam formam uma diretriz do bom governo; somente a ciência e a técnica é que poderão ordenar com equilíbrio e progresso uma sociedade. Ele deposita em suas crenças progressistas – o desenvolvimento das ciências e das técnicas – o crescimento qualitativo e quantitativo da riqueza ou dos bens de um país. É o caminho da ordem e do bem-estar social. A técnica, que cada vez mais sai da ciência pura e se autonomiza enquanto poder ideológico e tecnológico, fornece os meios para essa política de Estado e amplia suas práticas organizacionais (CHÂTELET; PISIER-KOUCHNER, 1983).

A intervenção da racionalidade científica experimental na dinâmica política do Estado é o grande anseio de Anísio Teixeira para neutralizar os mecanismos do poder político, uma vez que a ciência e a indústria tornam-se, para ele, forças sociais vitais no processo civilizatório. As atividades técnico-científicas implicam um novo rearranjo do Estado, uma ordenação das instituições para suprir as exigências de produtividade, da organização da ciência e das técnicas que dela derivam. O funcionamento do Estado envolve, nesse caso, a estrutura econômico-social – as forças produtivas – e a gestão pública, correspondente à retomada da função racional na política. A gestão instala-se como técnica científica de governo, cujas decisões são balizadas por uma racionalidade indutiva na administração pública.

A sua concepção sobre método e conhecimento científico e Estado-Técnico-Científico está presente em suas várias passagens pelo Estado, em diversos trabalhos intelectuais ou textos de entrevista e conferência.

2. INEP e CAPES: pesquisa científica e o planejamento setorial técnico para a educação. Divergências e embates

As iniciativas de Anísio Teixeira enquanto estadista, em períodos distintos, que possivelmente mais “traduzem” o seu pensamento teórico-filosófico enquanto método de perquirir a realidade foram: a Comissão Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, cuja função está voltada para a pesquisa da cultura e da educação do país. Há que se ressaltar, contudo, que não é possível afirmar em Anísio Teixeira uma defesa da centralidade do Estado – sociedade política – única e exclusivamente, para gerir a educação e a cultura de modo mais amplo. Ao contrário. Uma das explicações mais percucientes sobre esse ponto é elaborada por Lourenço Filho, ao expor que a primeira compreensão que se deve ter quando se fala de concepção de Estado e de educação no pensamento anisiano é a

sociedade como organismo pluralista – uma “organização de organismos” – não por certo de criação sua, pois é tão velha como William James [...] Ele a apresenta, expressa, sobretudo no ensaio inicial da segunda parte do livro *A educação e a crise brasileira*. A falta de maior consideração desse ponto tem levado certos críticos a julgar Anísio tanto um defensor do monopólio do Estado em educação, como, no extremo oposto, propagador de um polianarquismo mal definido. Não há, nele, porém, nem uma coisa nem outra. Seu fado, aliás, nesse particular, e pelas mesmas razões de origem, é similar ao de Harold Laski, na Inglaterra. Também o político inglês estudou

nos Estados Unidos, também êle se embebeu de compreensão pluralista dominante na sociedade norte-americana. A fonte de origem, direta ou indireta, em ambos, é William James e seus continuadores. “todo objeto na qual se possa pensar, escreveu êsse filósofo, por mais vasto que seja, e seja o que contenha, possui do ponto de vista pluralista um envoltório exterior de uma dimensão qualquer. Cada coisa existe com outras, e de muitos modos... A conjunção *e* adere ao seguimento de cada frase. E muitas relações nos escapam sempre...” Em Laski, as consequências políticas dessa concepção são levadas ao extremo limite, quando por êle aplicadas ao problema geral de Estado. Assim se dá também, com Anísio, quanto aos problemas da organização educacional, em particular. Visto que cada coisa arrasta consigo como que um envoltório, nenhuma instituição pode englobar o domínio de outras, e de modo especial, na educação. [...] Atribuir, pois, a Anísio o princípio do monopólio estatal da educação será desconhecer-lhe a obra, e precisamente, num de seus aspectos mais originais. Outro ponto de aplicação pessoal, aparentemente em conflito com êsse, mas só aparentemente, é o da defesa de uma política de desenvolvimento, com regulação ou, ao menos, inspiração estatal. A CAPES, de sua criação, reflete êsse ponto. Mas observe-se que o que êle deseja é que os centros de cultura superior, as universidades, cheguem a ser unidades ativas, numa sociedade pluralista. O terceiro ponto original é o reajustamento institucional da escola brasileira, como conjunto. Disso trata o primeiro estudo do livro *Educação não é privilégio*. Como êle, não preconiza apenas maior eficiência e aproveitamento dos dinheiros públicos, como também a oportunidade de mais ampla experimentação social, de tal forma que, “uma educação para o desenvolvimento, para o trabalho, para a produção, substitua a educação transplantada e obsoleta [...] Assim, tenta uma teoria “instrumental” do Estado [...] Não obstante, deverá haver certa supervisão de cada Estado, para assistência técnica e financeira aos municípios, como para o desenvolvimento de instituições de segundo grau. Em esfera mais ampla, estaria presente a União, igualmente com uma rêde de escolas médias, profissionais e superiores, de experimentação e desenvolvimento [...] “Mas os processos, currículos e condições internas do ensino seriam determinados pela consciência profissional dos professores e especialistas em educação”. Em suma, é numa concepção pluralista que o pensador vê a conciliação de um federalismo funcional, com os direitos individuais e os de grupos, no plano geral da nação. Uma teoria “instrumental do Estado”, ou planejamento “com liberdade” (LOURENÇO FILHO, 1960, p. 162-164).

Juntamente com seu cargo na CAPES, Anísio Teixeira foi secretário geral do INEP – Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos. Assume a CAPES em 1951 e o INEP, em 1952, período em que Simões Filho era o Ministro da Educação. Em sua ação de planejar com espírito científico, ambos os órgãos estiveram articulados com objetivos bastante precisos: executar projetos de pesquisa para mapeamento da estrutura e necessidade do ensino superior do Brasil; oferecer aperfeiçoamento para professores de diferentes áreas, cuja formação era priorizada com viés da pesquisa, com bolsas de estudo dentro ou fora do país.

A CAPES publicava seus boletins informativos para apresentar balanços de trabalho e análises de problemas referentes não somente ao ensino superior, mas igualmente sobre a realidade geral da educação brasileira. De sua autoria, Anísio Teixeira publicou, nos boletins, muitos trabalhos sobre a organização escolar, o método de ensino e autonomia, mas principalmente trabalhos sobre a descentralização do ensino, uma de suas bandeiras de luta, por achar que esta forma de arranjo provoca um conhecimento maior das necessidades e capacidades regionais e, conseqüentemente, um melhor aproveitamento das potencialidades dos professores em face da flexibilidade curricular. Contra uma “tradição legislativa” que impunha uma estrutura federal centralizada, Anísio Teixeira, em um dos boletins, escreve um artigo intitulado *Lei e tradição* no qual vai de encontro às próprias recomendações do governo federal: “São imposições federais de planos unitários de organização, currículos e métodos, invadindo a esfera não somente de iniciativa individual, reconhecida na Constituição, mas a das atribuições expressas dos Estados e a da consciência profissional do professor” (TEIXEIRA, 1957b, p. 2).ⁱ Anísio Teixeira, ao dizer da necessidade de a escola se transformar em função dos avanços industriais e científicos, apregoa, na obra *Pequena Introdução à Filosofia da Educação*, uma reorganização das instituições escolares cujos “mestres e alunos devem trabalhar em liberdade e à luz do que o filósofo e o cientista esclarecerem sobre a profissão dos primeiros e o labor dos últimos” (TEIXEIRA, 1968, p. 50).

À frente do INEP, impunha essa mesma postura “perquiritiva” e de planejador, a fim de apresentar atividades de estudo e pesquisa, ordenando os meios e os fins com bastante flexibilidade para acomodar as situações que a realidade exigia. Trazia um programa de estudos e pesquisas educacionais. Coube a Abgar Renault a execução.

O Centro pretende ser um núcleo de estudos e pesquisas sobre a educação nacional, para, por este meio, treinar elementos altamente especializados para os serviços de educação do País e preparar ampla e diversificada literatura pedagógica para as escolas normais e os centros regionais de aperfeiçoamento de professores [...] O Centro Nacional e os Centros Regionais serão escolas superiores de educação para a pesquisa e o preparo de professores normais (TEIXEIRA, 1952, s/p. Apud. VIANA FILHO, 1990, p. 133 e 134).ⁱⁱ

Outra iniciativa foi a criação de uma série de campanhas, como a CALDEME – Campanha do Livro Didático e Manuais de Ensino e a CILEME – Campanha de Inquéritos e Levantamentos do Ensino Médio e Elementar. Como declara Gilberto Freyre, Anísio Teixeira

sempre teve a presença de companheiros e amigos intelectuais e especialistas para pensar e executar trabalhos, tanto para os Centros Regionais de Pesquisa Educacional – CRPE como para as Campanhas. Para os Centros Regionais, ele convidou Fernando de Azevedo, em São Paulo. Para o Centro de Belo Horizonte, houve um trabalho em conjunto, que contou com Abgar Renault, o então responsável pelo Centro Nacional, e Mário Casassanta. Na Bahia, Luís Ribeiro Sena, porém Anísio Teixeira sempre assistiu o centro baiano. Em Pernambuco, Gilberto Freyre, a quem Anísio Teixeira julgava como o notório que unia a arte à ciência. No Rio, Anísio Teixeira convoca o seu amigo Péricles Madureira. Por fim, em Porto Alegre, a professora Ellock Kunz. Percebe-se que Anísio Teixeira sempre esteve cercado da presença de velhos companheiros de trabalho, com a perspectiva de cumprir atividades de pesquisa e experimentos pedagógicos. Esses Centros tinham a incumbência de realizar pesquisas multidisciplinares, que focavam nos estudos culturais e nas tendências regionais de desenvolvimento socioeconômico para fomentar uma política educacional ao país. Os resultados de muitas pesquisas foram publicados na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, que era o mais importante veículo de comunicação do INEP.

Em seu discurso de posse no INEP, Anísio Teixeira destaca os seus programas:

O INEP tem de tentar uma tomada de consciência na marcha da expansão educacional brasileira, examinar o que foi feito e como foi feito, proceder a inquéritos esclarecedores e experimentar, medir a eficiência ou ineficiência de nosso ensino [...] Para restabelecer o domínio deste elementar bom senso, em momento como o atual, em que a complexidade das mudanças impede e perturba a visão, são necessários estudos cuidadosos e impessoais, de que o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos deverá encarregar-se com o seu corpo de técnicos e analistas educacionais, mobilizando ou convocando também, se preciso e como for possível, outros valores humanos, onde quer que se os encontre [...] As funções do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos deverão ganhar uma nova fase, amplitude ainda maior, buscando tornar-se, tanto quanto possível, o centro de inspirações do magistério nacional para a formação daquela consciência educacional comum que, mais do que qualquer outra força, deverá dirigir e orientar a escola brasileira, ajudada pelos planos de assistência técnica e financeira com que este Ministério irá promover e encorajar todos os esforços úteis e todas as iniciativas saudáveis, que as energias insuspeitas da liberdade e da autonomia irão fazer surgir em todo o Brasil. Os estudos do INEP deverão ajudar a eclosão desse movimento de consciência nacional indispensável à reconstrução escolar (TEIXEIRA, 1952d, p. 2).ⁱⁱⁱ

O INEP não tinha a função apenas de operacionalizar o sistema de ensino com construções e distribuições de prédios escolares, e outros programas mais pontuais, como a

expansão do livro didático e cursos de aperfeiçoamento para professor do magistério primário, mas o de fazer aferições de resultado nos níveis primário, secundário e superior. Portanto, o INEP, continua Anísio Teixeira, deve

Verificar, por meio de amostras bem planejadas, como e até que ponto vem a educação conseguindo atingi-los [...] A educação nacional está sendo, todos os dias, por leigos e profissionais, apreciada e julgada. Os métodos para estes julgamentos resumem-se, entretanto, nos da opinião pessoal de cada um. Naturalmente os julgamentos hão de discordar, mesmo entre pessoas de tirocínio comprovado. Temos que nos esforçar por fugir a tais rotinas de simples opinião pessoal, onde ou sempre que pudermos proceder a inquéritos objetivos, estabelecendo os fatos com a maior segurança possível, teremos facilitado as operações de medida e julgamentos válidos. Até o momento não temos passado, de modo geral, do simples censo estatístico às práticas educacionais (TEIXEIRA, 1952d, p. 3).

À frente do INEP e da CAPES, Anísio Teixeira tinha um programa escalonado por diversas etapas de realização. Dentre elas, com o CRPE, havia uma preocupação com a formação do magistério. Em conversa com Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira se dedicou, desde o início de sua gestão, ao aperfeiçoamento dos docentes primário e secundário, com o destaque de que muitos dos projetos de formação docente eram realizados com convênio entre o Brasil e os Estados Unidos. A ideia de Anísio Teixeira para São Paulo, Estado em que Fernando de Azevedo estava na direção do CRPE, foi pensar em uma rede de escolas-laboratório. Segue-se a carta a Fernando de Azevedo:

Meu querido Fernando: desde que o deixei no telefone, outro dia, estou para lhe escrever esta, uma vez que minha ida aí ainda não pode ficar acertada. [...] Ao mesmo tempo que criamos os Centros e os destinamos às pesquisas e estudos, não perdemos de vista o aperfeiçoamento do magistério e lhe colocamos, dentro deles, a divisão de aperfeiçoamento do magistério. Para esta divisão, pensamos em uma rede de escolas-laboratório. A fim de suprir tais escolas, em S. Paulo ainda por criar, cogitamos logo de formar pessoal adequado. Para este último ponto, entramos em contato com o Governo americano e logramos realizar um acordo até 1960, para enviar aos EUA um certo número de professores para se especializarem, e de regresso trabalharem nas escolas-laboratório já criadas e a serem criadas. Mandamos, assim, no ano passado, 14 bolsistas de Minas Gerais para a escola primária que ali vamos instalar para o ano. Este ano, vamos mandar 10 do Rio Grande do Sul, 5 de S. Paulo, 14 do Rio de Janeiro, 2 da Bahia e 3 de Recife. Todo este pessoal tem sido escolhido para se especializar em aspectos especiais do ensino primário e do secundário e, de regresso, devem nos prestar sua cooperação, trabalhando em nossas escolas de demonstração ou escolas-laboratórios. É um programa grande, envolvendo centenas de milhares de dólares, pagando o Gov. Americano todas as despesas dos bolsistas, por doze meses, nos EEUU e nós as despesas de viagem do Brasil aos EEUU

[...] Espero, com isto, criar um staff de professores primários e secundários com experiência de escolas modernas dos Estados Unidos, em condições de conduzir uma experiência paralela as escolas brasileiras (TEIXEIRA, 1957e, p. 1-2).^{iv}

Havia um embate, chegando a ser uma divergência, entre Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo, quanto à importância desse aperfeiçoamento, muito provocado pela alegação de Fernando de Azevedo sobre os custos onerosos. Em resposta, Anísio Teixeira escreve uma carta a ele, datada do dia 29 de março de 1958, expondo um pensamento veemente e franco sobre esse quesito.

Meu querido Fernando: estive conosco ontem o Joel e procuramos juntos resolver todos os problemas que trouxe. Um deles, entretanto, ficou para ser objeto de carta minha a Você. Trata-se dos recursos para as despesas de viagem dos bolsistas do Centro Regional para aperfeiçoamento nos Estados Unidos, pelo Ponto IV. Diante do orçamento que V. nos enviara, disse-nos a Joel que não havia verba para as passagens. Desejo debater com V. melhor este problema. Estamos ambos a trabalhar num empreendimento difícil e muito mais esperamos do que esse empreendimento possa ser do que ele seja no momento. O problema de preparar o pessoal para o Centro parece-me da mais alta prioridade. Seja aqui, no Centro Brasileiro, ou aí, no Centro de S. Paulo, a dificuldade suprema é de pessoal realmente habilitado para o trabalho de pesquisa e planejamento educacional. A pesquisa chamada pura – embora extremamente difícil – permite certas mistificações – deixe-me usar a palavra – e levar pessoas que nada estão fazendo a pensarem que estão pesquisando... A pesquisa aplicada, porém, que é a dos Centros, exige longo tirocínio e experiência, conhecimento completo da arte sobre o que se vai pesquisar e elaboração real de novos instrumentos de trabalho para a referida arte. [...] Ora, sendo o Centro um núcleo de pesquisas aplicadas, com futuras escolas de demonstração, à maneira dos hospitais de clínica das Faculdades de Medicina, temos de preparar todo um *staff* de educadores, capazes de conhecer a arte tradicional do ensino e renová-la por meio de estudos científicos, reconstruindo essa arte para lhe dar uma progressiva base científica. Como iremos fazer isso com os professores que temos? A formação que recebem nas escolas normais é, hoje, nenhuma. [...] Os professores das escolas de filosofia serão melhores no preparo propriamente acadêmico mas no tratamento profissional de suas especialidades também nada aprendem. As cadeiras chamadas de Didática não chegam a ser o que já Comenius ensinaria. Diante disto, não vejo como se formar o professor para a reconstrução educacional, que se faz, dia a dia, mais urgente no Brasil, se não enviando-o ao estrangeiro. [...] Mas acredito que o ver a obra educacional conduzida com racionalidade e eficácia o leva, pelo menos, a sentir o problema. Sentindo-o, compreender a terrível situação nacional e habilitar-se a investigá-la, para a sua progressiva revisão. É diante de tudo isto que lhe pediria para rever a sua decisão. Cada um dos professores que vão à América custa ao Ponto IV, cinco mil dólares, ou seja, hoje, 550, 000 cruzeiros e a nós apenas a passagem. [...] Também eu aqui faço sacrifício com essas despesas, mas julgo-as altamente prioritárias. [...] A pesquisa aplicada em educação não pode prescindir das escolas-laboratório. Essas é

que serão as nossas clínicas para a reelaboração da nossa arte de educar. [...] Aguardando a sua resposta, aqui fica o sempre seu Anísio (TEIXEIRA, 1958b, p. 1-3. Grifo do autor).^v

A obra educacional dos centros é construída com a racionalidade e eficácia consoante às experiências de escolas americanas, cuja imagem para formação de um corpo de professores primários e secundários advém da dinâmica dos hospitais de clínicas; centros estes organizados sob a forma de “escolas de demonstração, escolas experimentais e escola de prática” (TEIXEIRA, 2007, p.157).^{vi} A preparação desse corpo docente está na condição de lidar com um ensino renovado pelos estudos científicos e práticos; a base científica ou a pesquisa aplicada é a orientação do que Anísio Teixeira chama de escolas-laboratório. Possivelmente, as observações realizadas por ele da Escola Normal de Towson, em Maryland, quando esteve em 1928 nos Estados Unidos, marcaram-no significativamente pela estrutura e método da instituição a ponto de chamá-la de laboratório para prática de ensino. A sua impressão é que nos EEUU o espírito de contínuo progresso e ordem domina tudo, sobretudo os colégios americanos.

Não pude me furtar a dizer-lhe logo de minha fascinação pelos campos e edifícios da escola e dessa constante surpresa do estrangeiro pobre diante do aspecto perfeitamente novo, nítido e magnífico das coisas americanas. [...] Nesse sentido, os colégios são verdadeiramente laboratórios, onde os futuros dias da América se estão preparando, com as mesmas incertezas, mas com as mesmas esperanças, com que esses dias de amanhã se estão elaborando nos centros de indústria e demais centros da formidável e omnívota atividade americana. [...] A Escola Normal de Towson se compõe de um curso normal de dois anos e de uma escola elementar, inclusive kindergarten, que funciona como laboratório para a prática de ensinar (TEIXEIRA, 2006, p. 99-102).^{vii}

A comparação das escolas-laboratório com clínicas foi enunciada em alguns outros momentos de interlocução. Em um diálogo com Edivaldo Boaventura, destacando-se o assunto sobre didática, método, processos e recursos do ensino superior, na ocasião em que Boaventura, durante o tempo em que era reitor da Universidade Federal da Bahia, lançaria o seu livro *Universidade, estrutura e método*, Anísio Teixeira volta a considerar “o ensino como algo paralelo à clínica médica, [...] a arte de ensinar lhe virá pela prática, prática que lhe exigirá muita leitura, muitos estudos, muita experimentação” (TEIXEIRA, 1968i, p. 1).^{viii}

Em outra carta a Boaventura, de 22 de maio de 1969, para respondê-lo sobre a primeira remessa do índice do livro citado, Anísio Teixeira – ao falar da reforma da

universidade brasileira, de uma mudança em suas formas existentes e não das formas existentes, nas quais as ideias de Faculdade, Departamento, currículo precisam ser construídas como as experiências concebidas na organização das universidades americanas – encerra a sua análise declarando o seu referencial empiricismo pragmático para tratar de reformas educacionais.

Sem querer, expandi-me em minhas perplexidades, que o devem chocar, ante a sua experiência francesa irrecorrivelmente lógica para não dizer cartesiana. Embora também eu, no fundo, seja um cartesiano, todo meu esforço é hoje voltar-me para o empiricismo saxônio, não o pragmatismo apenas de James, mas para o pragmatismo de Pierce e, por fim, Dewey (TEIXEIRA, 1969, p. 3 e 4).^{ix}

Torna-se emblemático que, em Anísio Teixeira, os processos e os métodos de eficiência americanos estão a ensinar aos educadores brasileiros o seu imediato desenvolvimento e progresso. Determinado em aperfeiçoar e aprofundar os trabalhos dos centros, arregimentando professores preparados com novas ideias pedagógicas sucedidas dos Estados Unidos, Anísio Teixeira lança o convite a professores e técnicos de grandes universidades americanas. Alguns nomes já eram seus conhecidos: antropólogos que trabalharam com ele no projeto realizado na Bahia em 1950, como Charles Wagley, da Columbia University; Anthony Leeds, de Austin, Texas, e Marvin Harris, um jovem professor da Columbia university. Outros pesquisadores, que atuaram mais intensamente no desenvolvimento dos Centros, segundo Luís Viana Filho, são Lawrence Gregg Thomas, da Stanford University, George Counts, Bertram Hutchinson, Andrey Pierce, Otto Klinckberg, Jacques Lamberti, T. H. Marshall, Burkherd, Bryce Wood, J. K. Galbraith e Arbousse Bastide (VIANA FILHO, 1990, p. 142-143).

Em uma minuta de documento, de 1956, Anísio Teixeira explana com mais detalhes a necessidade de cooperação mútua Brasil-EUA no campo da educação e especifica o programa de bolsistas brasileiros nos EUA, que servirão depois aos Centros.

A cooperação de assistência técnica, entre os EE.UU. e o Brasil, no campo da educação, deve realizar-se, tendo em vista que o Brasil é um país com uma cultura própria, extremamente complexa, em fase de desenvolvimento, que já não permite ação livre e desembaraçada em nenhum sector ligado a essa cultura. [...] A assistência técnica americana não se pode efetuar sinão em cooperação com especialistas nacionais, capacitados na compreensão do campo onde irão atuar, aos quais preste o especialista americano a contribuição de técnica e de análise necessária para o acerto das políticas e

decisões a serem tomadas pelos especialistas nacionais. [...] A assistência técnica dos EE.UU. à educação, no Brasil, tem aí um campo de primeira ordem. Ajudar o Brasil a construir os centros universitários de estudo da educação, pelos quais irá o Brasil reformar a preparação dos professores e fornecer os conhecimentos necessários aos planos nacionais e regionais de educação. O Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais e os Centros Regionais, de Recife, Bahia, Belo Horizonte, S. Paulo e Pôrto Alegre, recentemente organizados pelo Governo, destinam-se a ser centros de estudo superior da educação, com o objetivo de elaborar o conhecimento educacional brasileiro de assuntos de filosofia, administração, conteúdo e métodos educacionais e, dêste modo, fornecer, por meio de livros, surveys, manuais de ensino, etc, os meios de reforma da preparação dos mestres, que reformados, irão empreender a reconstrução educacional nas escolas. Parece, assim, possível pedir ao Governo dos EE.UU. que estude a possibilidade de ajudar-nos, fornecendo especialistas nos campos de 1) administração escolar, 2) filosofia da educação, 3) construção de currículo (no nível elementar e no secundário), 4) medidas em educação, 5) psicologia educacional e 6) Pesquisa Educacional – para a formação dos quadros de especialistas educacionais dos 6 Centros brasileiros. Êstes especialistas viriam trabalhar com colegas brasileiros no estudo da educação brasileira, com o objetivo de preparar livros e material de ensino para a reforma das escolas normais e, ao mesmo tempo, preparar especialistas nos seus respectivos campos. [...] O programa poderia estender-se até 1960, compreendendo um programa que vinha de missões americanas universitárias de educação e de ida de brasileiros aos EE.UU. para a gradual substituição dos especialistas estrangeiros, nos seis Centros de pesquisa e treinamento, instituídos pelo Governo Brasileiro. [...] Os Centros terão, por certo, além das pesquisas e dos cursos de especialização, os seus núcleos de aperfeiçoamento do magistério e as suas escolas de demonstração. Mas, os especialistas estrangeiros trabalharão no nível da pesquisa, da teoria e da direção de todo êsse esforço de experimentação e aplicação. No programa de bolsistas brasileiros nos EE.UU., não vemos inconveniente na ida de elementos destinados a trabalhar nas “escolas de demonstração”, mas, não seria esquecida a necessidade de formar especialistas de mais alto nível no campo do estudo e da pesquisa educacional (TEIXEIRA, 1956c, p. 1-3).^x

Uma das questões que se pode apreender é que Anísio Teixeira tentou cumprir, no INEP e na CAPES, a missão de dar as diretrizes à política educacional do MEC através de pesquisas e estudos científicos para determinar os meios e a finalidade da educação brasileira, mexendo, por isso, com a relação Estado e sociedade civil. Outrora, em seu nascedouro, em 1938, o INEP tinha, de certo modo, esse requisito, quando o seu primeiro diretor, Prof. Lourenço Filho, realizou estudos técnicos ligados à catalogação, documentação e à pesquisa educacional e demográfica.

3. As contínuas defesas de uma educação técnico-científica

Na década de 1960, ele retoma esses anseios com mais contundência. Em dois veículos de comunicação importantes da época, o jornal Metropolitano e a revista Manchete, Anísio Teixeira discute a ideia de progresso e a conquista dos ideais de liberdade e justiça social igualitária através da educação moderna tendo como eixo o método científico e um Estado eminentemente Técnico-Científico. No jornal Metropolitano, seu texto, resultado de uma palestra em Santiago, Chile, e, possivelmente, editado pela revista Unidade, dá o caráter enfático sobre o saber do método científico institucionalizado como elemento para a liberdade e justiça social.

A idéia de progresso não é uma idéia do século vinte mas herança do século dezoito, que inspirou todos os nossos movimentos pela emancipação e independência nos primórdios do século dezenove. Quando, nessa época, lançamos as bases da República – o nosso Império era uma República corada – já as revoluções inglesa, americana e francesa haviam aberto para o mundo as fronteiras do novo progresso, que a transformação do conhecimento humano pelo método científico viera trazer para a sociedade humana. [...] A liberdade não é, porém, apenas o conceito negativo de estar livre o indivíduo da opressão e do medo, mas envolve ser êle – o indivíduo – livre para prover as suas necessidades, para progredir, para ajudar a desenvolver o país e conquistar a riqueza e o bem estar. Ora, tal liberdade não se obtém senão pelo domínio do saber, o novo saber da ciência, o saber baconiano, o saber que traz o poder e impulsiona o desenvolvimento material e moral dos povos e dos indivíduos. Êste saber não é o saber espontâneo da espécie, que a própria vida produz, mas saber que se adquire pela escola, pelo estudo especializado, pela educação formal e institucionalizada. [...] Os propósitos hoje de organizar a educação nacional não constituem, assim, planos de um vago humanitarismo educacional, mas a institucionalização da liberdade e da justiça social por meio da igualdade de oportunidade de educação. A democracia, que fundamos, há mais de cento e cinquenta anos, será uma farsa, em véspera, talvez, de se encerrar em tragédia, se não dermos aos nossos cidadãos os instrumentos, as armas de sua emancipação individual, educando-os para o trabalho progressivo, para o trabalho de fundamento técnico e científico, para o trabalho, que encerra em si, graças à ciência, o segredo de sua renovação constante e do seu indefinido progresso. Bem sei que só a explosão dos dias de hoje do conhecimento científico veio dar-nos, em tôda a sua extensão, a compreensão perfeita do conceito baconiano do saber (TEIXEIRA, 1962a, p. 1-2).^{xi}

Ao ser perguntado pela revista Manchete se existe uma educação moderna à brasileira, Anísio Teixeira, mais uma vez, retoma a sua referência de educação sustentada pelo conhecimento de natureza científica:

Não existe educação moderna “à brasileira”. [...] Seria moderna a educação fundada em conhecimento de natureza científica ou fundados em dados científicos. Na realidade, esta é a transformação profunda de nossa civilização. Temos um novo método do conhecimento, graças ao qual podemos transformar o mundo [...]. Êste conhecimento gera um novo humanismo e uma nova técnica. Como êsse humanismo e essa nova técnica só vieram a amadurecer nos últimos tempos, a educação somente pelas alturas dos fins do século dezoito se iniciou no novo método científico. O século dezenove deu, então, ao mundo as primeiras nações verdadeiramente modernas, concebido o termo como significando adoção do método científico e da nova técnica. A explosão mais recente dêsse conhecimento científico levou tais nações ao grau de desenvolvimento que sabemos e abriu para tôdas as demais as fronteiras de um desenvolvimento paralelo (TEIXEIRA, 1962b, p.1. Grifo do autor).^{xii}

Diante do apresentado, constata-se, em Anísio Teixeira, que a disponibilidade e a funcionalização do conhecimento científico e tecnológico se expandem com uma organização que determina crescentemente não só os tipos de atitude, hábito e comportamento, mas igualmente constroem relações sociais dependentes do funcionamento da nova técnica. Desenvolve-se uma superestrutura em que a técnica, a ciência e a indústria estariam inter-relacionadas e exigiriam do sujeito sua adaptação (LENK, 1975). Por conseguinte, os problemas ético-políticos e econômicos diluir-se-iam em problemas científicos e técnicos de administração. Parece que, em Anísio Teixeira, as legislações político-normativas são substituídas por determinações materiais objetivas do desenvolvimento da ciência, que decidem exclusivamente sob o aspecto técnico-administrativo da educação moderna. A viabilidade necessária do método científico originaria os objetivos educacionais, tornando-se uma prerrogativa normatizadora. A ciência e a tecnologia seriam um requisito normativo no planejamento das políticas de Estado. Essa característica instrumentalista da racionalidade científica pode ter como consequência um *a priori* tecnológico como forma de domínio político e social institucionalizado. Mas Anísio Teixeira não vislumbra ou não deixa revelar que a dinâmica do progresso técnico-científico está saturada de conteúdo político-ideológico. Isso explica porque para ele a unidade nacional brasileira só é factível “porque os meios tecnológicos permitem o desenvolvimento pacífico de nações de porte continental” (TEIXEIRA, 1963b, p. 4).^{xiii}

Pouco depois de ser professor visitante em 1963/1964 da Universidade de Columbia e em 1965 da Universidade da Califórnia, Anísio Teixeira volta para o Brasil e recebe um convite da Folha de São Paulo para ser colunista. O presidente da sucursal, Octavio Frias de Oliveira, oficializa o convite em 09 de abril de 1968 com a seguinte atenção:

Senhor professor: É com satisfação que formulamos convite para escrever, periodicamente, artigos ou estudos, sobre temas de sua especialização, ou outros de sua preferência, para publicação, se possível semanal, na Folha de S. Paulo. A escolha do seu nome atende à circunstância de ser V. Sr. um dos educadores de vanguarda mais competentes e mais respeitados, internacionalmente, e, também, de ser a Folha de S. Paulo, mais do que qualquer outro jornal brasileiro, um empresa jornalística empenhada na discussão dos problemas educacionais e da sua interrelação com a causa do desenvolvimento nacional. [...] Cordialmente, Octavio Frias de Oliveira – Presidente (OLIVEIRA, 1968c, p. 1).^{xiv}

Octavio Frias destaca a importância de Anísio Teixeira na discussão nacional sobre a política educacional e por ser um inspirador da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, aprovada em 1961; requer que, por isso, dê sua contribuição no processo de formação da opinião pública no conteúdo editorial do jornal, visando suscitar um grande debate sobre o tema educação. Em 29 de abril, Anísio Teixeira responde Octavio Frias, sinalizando positivamente a sua contribuição no suplemento do caderno de educação da Folha.

Senhor Presidente: Agradeço o convite que me faz para colaboração permanente no Suplemento de Educação, com que a Fôlha de São Paulo está enriquecendo o jornalismo brasileiro. [...] Desejo manifestar-lhe a minha satisfação em ver a Fôlha incluir o setor educação entre os setores prioritários do jornalismo. Tudo leva a crer que êsse setor virá a ter no Brasil lugar correspondente pelo menos ao setor econômico, se é que não chegará a ser para o país o que já são os setores de esportes e de música e artes. Cumprimento-o muito cordialmente pelo pioneirismo que marca, na matéria, a atuação da Fôlha. Com os agradecimentos muito atenciosos do Anísio Teixeira (TEIXEIRA, 1968e, p.1).^{xv}

No tempo em que Anísio Teixeira escreveu para a Folha, as temáticas foram as mais diversas possíveis no campo educacional; no entanto, a análise que ele enfatizou foi sobre ciência, reforma do Estado e, principalmente, sobre reforma universitária. Dos 29 artigos escritos por ele, em 1968, 11 foram sobre universidade. Não por acaso, havia uma orientação de Octavio Frias, Calazans Fernandes e Claudio Abramo, editores do jornal, para que Anísio Teixeira se dedicasse ao tema, vez que tramitava nesse período o projeto-lei de reforma universitária e, afora, todos sabiam de sua larga experiência como fundador da Universidade do Distrito Federal, em 1935. A Folha chegou a publicar partes do relatório do Grupo de Trabalho da reforma universitária e solicitou de Anísio Teixeira comentário sobre esse documento.

Meu caro Abramo: Ai lhe mando a nota que me pede. [...] Na Fôlha, logo que foi publicado o relatório, escrevi o artigo Universidade em Massa, que foi um pouco meu comentário ao documento. Se quiser republicá-lo na sua metade final, talvez seja melhor que a nota que lhe estou a enviar, pois reconheço o seu caráter perfeitamente anódino. Pedindo-lhe desculpar-me por não ter podido ir mais longe quanto ao G.T., seu, muito cordialmente, Anísio Teixeira (Grifo do autor. TEIXEIRA, 1968g).^{xvi}

Anexado a esta correspondência, Anísio Teixeira envia o seu comentário sobre o GT da reforma universitária, publicado na Folha na semana seguinte.

Congratulo-me com a “Fôlha de São Paulo” por êsse caderno em que se publica o relatório do Grupo de Trabalho da Reforma Universitária. Trata-se, nos termos do relatório, de “um repertório de soluções realistas e de medidas operacionais que permitem racionalizar a organização das atividades universitárias, conferindo-lhes maior eficiência e produtividade”. Não tratou o Grupo de Trabalho de “formular um diagnóstico da presente crise universitária, nem mesmo de traçar os lianamentos de uma reforma”. O Grupo de Trabalho, desta sorte, não faz mais do que desenvolver ou suplementar os decretos-lei anteriores nº 53 e 252. Colocou, assim, fora de pauta qualquer discussão ou debate, salvo que disser respeito a aspectos da racionalização a que se propôs. Não posso deixar, entretanto, de louvar o esforço da “folha de São Paulo” em divulgar o documento, que representa um esforço considerável dentro da premência dos seus prazos e da complexidade dos problemas considerados. Meus votos são para que as medidas sugeridas produzam os efeitos de que delas esperam os membros do Grupo de Trabalho, não podendo, infelizmente, esconder meu cepticismo. Anísio Teixeira (TEIXEIRA, 1968b).^{xvii}

Após essa nota, Anísio Teixeira escreve, no mês de julho, uma série de 4 artigos intitulados *Universidade e a sua reforma*. No texto *O Modelo para a reforma da universidade no Brasil*, publicado em 8 de junho de 1968, Anísio Teixeira faz um retrospecto histórico da constituição da estrutura do ensino superior no Brasil e aponta uma tradição de escola superior independente, de tempo parcial e de cultural geral, como um tipo de “confederação de escolas”, lembrando a de Londres; por isso, reportando-se ao pensador inglês Flexner, afirma que isso não é universidade. Anísio Teixeira toma a experiência da fundação da Universidade de Brasília, em 1960, para situar um modelo de estrutura integrada que se contrapõe a uma escola superior independente, “governada pela sua oligarquia de professôres e de tempo parcial”. Mesmo assim, ele aponta sinais positivos e entende que a grande contribuição do projeto da Universidade no Brasil foi a capacidade de fomentar cultura científica advinda das tentativas de pesquisas experimentais do curso de Medicina. Em sua opinião, o legado da Faculdade de Medicina foi engendrar uma prática de investigação

científica em que as experimentações deram credenciamento à Universidade de instituição de pesquisa.

Só em 1961, vota-se o plano da Universidade de Brasília que, indiscutivelmente, representa uma estrutura integrada. Em 1967, as idéias da Universidade de Brasília corporificam o projeto atual de reestruturação das universidades. Todos êsses planos, projetos e leis constituem inovações em início de implantação. [...] Abandonadas essas veleidades reformistas e tomada a realidade da experiência brasileira do ensino superior, tal qual ela se processou, vejamos que aspectos positivos podem nela ser descobertos e julgados. Essa experiência já se estende por 160 anos e nela temos que ver, sobretudo, a passagem de uma cultura literária para uma cultura científica, pois isto é que representa a grande mutação operada no ensino superior dos tempos modernos. Que setor, no ensino superior brasileiro, realmente o efetivou? Durante os 160 anos, a despeito da Universidade vir a existir formalmente desde 1920, portanto, há 48 anos, perduram as escolas como instituições autônomas, dentro da federação universitária. A real mutação operada nas escolas superiores no século XIX é a da introdução da ciência experimental na Universidade. Dadas as particularidades da universidade brasileira de constituir mais uma confederação de escolas do que uma integração universitária, essa mutação não iria ocorrer em tôda a universidade, mas em algumas das suas escolas. As primeiras que a fizeram foram as escolas de medicina. Essas escolas constituem o que há de mais significativo no desenvolvimento da cultura brasileira. São as grandes escolas modernas na vida brasileira: efetuaram a transformação do tipo de saber existente para o tipo experimental e científico, transformaram os métodos para o ensino do novo saber, montaram os laboratórios e biotérios para experimentação científica, desenvolveram a pesquisa desinteressada e aplicada. [...] Nessas escolas está o modelo para a transformação da universidade brasileira. [...] Acredito poder afirmar-se que, depois da medicina, é na biologia que se encontra o melhor e mais numeroso grupo de cientistas brasileiros. [...] A lição que nos dá a medicina nacional é a de que não são mudanças formais de estrutura que não irão dar a ciência de que precisamos, mas mudança de mentalidade, de atitudes, aceitação do método científico, prática da experimentação no campo da ciência pura e aplicada. [...] E teremos reformado a universidade brasileira, dentro dos modelos que tanto poderão ser os da universidade alemã como os da universidade americana. E, dêste modo, termos criado as condições para o Brasil poder ter o quadro de cientistas ao de tecnologistas de que precisa para o seu desenvolvimento e o seu progresso (TEIXEIRA, 1968f, p. 4 e 5).^{xviii}

Anísio Teixeira conclui o texto apontando as falhas organizacionais, econômicas e de eficiência como problemas a serem resolvidos no processo de mudança de mentalidade e de método que o saber médico brasileiro tem a ensinar na reestruturação das universidades brasileiras. Em outro artigo, publicado na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Anísio Teixeira não titubeia em dizer que a Universidade de Brasília, de 1960, é a que, sob o aspecto científico, mais consubstancia a função de pesquisa e serviço a problemas práticos, de

formação de especialistas nos cursos de pós-graduação e a que mais se aproxima das experiências de reforma universitária alemã e americana, que otimizaram a sua ação científica para responder as demandas industriais (TEIXEIRA, 2006, p. 294).^{xix} Cabe ressaltar que Anísio Teixeira fez parte da Comissão do Ministério da Educação para conceber a UNB, na condição de Presidente do Conselho Nacional de Pesquisas. Com Darcy Ribeiro, ele tenta resgatar os objetivos fincados nos fundamentos da Universidade do Distrito Federal de 1935, para estruturar a universidade de Brasília. Anísio Teixeira veio a ser reitor dessa universidade em 1963.

Nesse mesmo período, antes mesmo de sua saída da Folha de São Paulo, Anísio Teixeira tinha uma atividade como consultor de Educação da Fundação Getúlio Vargas. Provavelmente essa foi a sua última atividade como homem público, quando realizou uma pesquisa solicitada pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID para fazer estudos das universidades brasileiras. O objetivo do BID centrava-se em investigar o perfil e a estrutura do setor Pesquisa & Desenvolvimento (P&D) das universidades ante a produção econômica na América Latina. Mais precisamente, na carta convênio^{xx} do BID, Anísio Teixeira teria que apresentar, de maneira geral, a estrutura, o funcionamento e as mudanças recentes no sistema de educação superior, com dados quantitativos e qualitativos de cada uma das universidades do país. A meta geral seria detectar as deficiências dessas instituições que impediam o alavancamento do crescimento e da diversificação econômica e cultural de cada região brasileira. O estudo mencionado seria utilizado para a preparação do Informe Anual do Fundo Fiduciário de Processo Social, fundo esse responsável por determinar empréstimos a países latino-americanos, bem como por apresentar recomendações, nesse caso, em suas reformas universitárias. Numa correspondência ao seu amigo José Vera, diretor do BID, setor América Latina, Anísio Teixeira destaca que “é um admirável projeto, pois integra o estudo superior e o direto desenvolvimento econômico da região” (TEIXEIRA, 1967b, p.1).^{xxi}

Quais são as implicações teóricas e políticas desses estudos? A preocupação de Anísio Teixeira, nesse trabalho em convênio com o BID, foi tentar mostrar que a relação entre a pesquisa científica das universidades brasileiras e a produção econômica deve acontecer na medida em que o Estado só intervenha indiretamente, pois o mesmo não pode travar as demandas das indústrias. A compreensão que se tem de o Estado interferir *indiretamente* nas forças produtivas recai no entendimento de que ele é frequentemente o que ampara as instituições universitárias e, por conseguinte, os laboratórios dessas instituições. Assim, a

ciência passa a fazer parte diretamente do mercado. O Estado é o guardião para manter a propriedade privada e conservar instituições na sociedade civil como meta para engendrar uma diversificação indefinida de ações e atividades múltiplas econômicas, culturais, educacionais cujo propósito é gerar uma igualdade maciça das oportunidades de todos no ponto de partida (TEIXEIRA, 1967b).

Pessimista no pensar, otimista no agir? Anísio Teixeira manteve-se entusiasta e crente de que a educação “cientificista” seria a instituição mais importante para a mudança que a sociedade necessitaria; a vida em sociedade, a relação entre o homem, a liberdade e as regras sociais seriam frutos cabais desse tipo de educação. Isso foi perceptível em suas últimas atuações públicas na Folha de São Paulo e como Conselheiro da Fundação Getúlio Vargas.

4. Considerações finais

Nas preocupações de Anísio Teixeira, o Estado descamba para uma compreensão de teor técnico-científico, constituindo uma arena de competição e voluntarismo entre os diversos organismos sociais. Isso explica porque a necessidade de formar um quadro de especialistas de diversas áreas passa a ser uma medida constante do educador baiano, que investe em mecanismos de convênios e missões envolvendo os Estados Unidos como os principais parceiros para prestar assessoria técnico-científica e pedagógica, além de formação acadêmica aos quadros de professores e pesquisadores brasileiros.

A noção “Estado Gerente e Cientista” cunhada por Châtelet e Pisier-Kouchner (1983) pode ser compreendida sociologicamente como um tipo explicativo de uma organização e funcionamento societal em que os projetos sociopolíticos e educacionais tentam se adequar à gerência de técnicas da industrialização e do setor privado. O Estado ainda é concebido como o conjunto orgânico das instituições da sociedade civil. A administração do Estado deve ter um estatuto que garanta sua independência em face do governo, isto é, que seja capaz de tomar decisões. Para destacar o traço que o diferencia, Anísio Teixeira vê o conhecimento advindo das ciências e tecnologias como o elemento de excelência do bom governar e permitir, com os valores educacionais, que a escola pública represente a oportunidade de igualdade. A racionalidade científica na ordem educacional e política, ou a política da razão, de acordo com as pretensões da razão experimental defendida por Anísio Teixeira, tenta manifestar-se como princípio de organização institucional. Ademais, uma interdependência

crecente entre a pesquisa e a técnica faz com que as ciências representem a força produtiva mais importante.

Tal compreensão construída por Anísio Teixeira em seus estudos, resultado de observações e contatos com os fenômenos sociais dos Estados Unidos, indica uma tese muito bem defendida por ele: as atividades científicas, indicadas como disciplinas experimentais, envolvem massivamente o *ethos* das sociedades industrializadas; assim, por exigência quantitativa e qualitativa do modo de produção capitalista, a organização das ciências e das tecnologias torna-se um problema administrativo do Estado, a ponto de ser premente o planejamento de instituições nas quais saber e bem-estar estabelecem relações originais, *sui generis*. De modo semelhante aos métodos das ciências biológicas e físicas, a ideia de colocar as ciências sociais em seu conjunto disciplinar de observação e experimentação, como núcleo inspirador para fornecer à educação e à política um instrumento verificável e eficaz de resultados, faz com que o Estado se pretenda cientista, enquanto técnica científica de governo, definindo a sociedade política como sociedade racional que tem de formular soluções e meios para sua aplicação na coisa pública (TEIXEIRA, 2006).

Essas colocações coadunam com o tema ideologia da burguesia do desempenho que, do mesmo modo que a lógica anisiana, transmuta da economia de mercado para o sistema de ensino público a ótica de atribuições e responsabilidades de uma norma segundo os requisitos do desempenho individual, com a segurança de um bem-estar mínimo.

A sua formação intelectual de matriz técnico-científica americana deparou-se diante de uma estrutura estatal centralizada no Brasil. O seu pensamento sobre o Estado descentralizado, com o ensino municipalizado e autônomo, foi um pensamento derrotado, de certo modo, como ele mesmo disse a Carlos Lacerda.

A reorganização do Estado brasileiro, que surgiu em 1930, passando pelo Estado Novo até o período Nacional-Desenvolvimentista, de 1950 e 60, não decorre da centralização institucional de décadas anteriores. Como em Anísio Teixeira, muitos intelectuais nas décadas de 1950 e 60 – Fernando Campos, Celso Furtado, entre outros, mesmo com matizes de pensamento diferente – se preocuparam com a racionalização do Estado, com a reestruturação de velhos órgãos de fomento a políticas públicas e a pesquisas, o que levou decisiva e paradoxalmente à centralização do aparelho estatal, travestida em desconcentração.

Assim, não se pode deixar de destacar a sistematicidade de Anísio Teixeira como intelectual engajado com a ideia científica e administrativa dentro do Estado. A sua atuação

pública foi sempre traçar proposições da política educacional. Não havia para Anísio Teixeira outra possibilidade de delinear essas diretrizes fora do Estado, vez que é, evidentemente, em seu âmbito que circunscribe a sua ação oficial. Afinal, se o Estado é que legitima e normatiza, o intelectual, de capacidade cultural e organizacional, estará na esfera de ação aos domínios oficiais (VELLOSO, 2011).

Nessa ótica, um intelectual é sujeito orgânico representante e intermediário de um determinado grupo social, político e cultural, voltado a pensar e realizar uma organização de sociedade com as marcas ideológicas expressas pelo seu grupo social ou fração de classe dentro do Estado (GRAMSCI, 2000a).

Referências

ABREU, Jayme. Anísio Teixeira e a educação na Bahia. In: ABREU, Jayme; FREIRE, Gilberto et. al. *Anísio Teixeira: pensamento e ação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960.

CHÂTELET, François; PISIER-KOUCHNER, Évelyne. *As concepções políticas do século XX: história do pensamento político*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1983.

FREYRE, Gilberto. Anísio Teixeira: um depoimento. In: ABREU, Jayme; FREIRE, Gilberto et. al. *Anísio Teixeira: pensamento e ação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1960.

GERIBELLO, Wanda Pompeu. *Anísio Teixeira: análise e sistematização de sua obra*. São Paulo: Atlas, 1977.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Os intelectuais. O princípio educativo, Jornalismo. Ed. trad. Carlos Nelson Coutinho e Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000a, v.2.

LENK, Hans. Tecnocracia e tecnologia: notas sobre uma discussão ideológica. In: DREITZEL, Hans-Peter et. al. *Tecnocracia e ideologia*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

LIMA, Hermes. *Anísio Teixeira: estadista da educação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

LOURENÇO FILHO. Imagem do pensador. In.: ABREU, Jayme; FREIRE, Gilberto et. al. *Anísio Teixeira: pensamento e ação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960.

VIANA FILHO, Luís. *Anísio Teixeira: a polêmica da educação*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1990.

VELLOSO, Monica Pimenta. Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Org.). *O Brasil republicano: o tempo do nacional-estatismo. Do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. v. 2.

Obras Consultadas e Citadas de Anísio Teixeira

TEIXEIRA, Anísio. *Educação não é privilégio*. 7 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

TEIXEIRA, Anísio. *Aspectos americanos de educação*. Anotações de viagem aos Estados Unidos em 1927. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

TEIXEIRA, Anísio. *Educação e o mundo moderno*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

TEIXEIRA, Anísio, 1952. Texto transcrito por Luís Viana Filho, 1990, p. 133-134. VIANA FILHO, Luís. *Anísio Teixeira: a polêmica da educação*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1990.

TEIXEIRA, Anísio. *Correspondência entre Anísio Teixeira e Edivaldo Boaventura*. Rio de Janeiro. 22 de maio de 1969. CPDOC – FGV.

TEIXEIRA, Anísio. *Correspondência entre Anísio Teixeira e o jornal Folha de São Paulo*. Arquivo Anísio Teixeira – CPDOC-FGV. AT t. 1968.04.09.

TEIXEIRA, Anísio. *Correspondência entre Octavio Frias de Oliveira e Anísio Teixeira*, Rio de Janeiro, 29 de abril de 1968. Arquivo Anísio Teixeira – CPDOC-FGV. AT t. 1968.04.29.

TEIXEIRA, Anísio. *Correspondência entre Octavio Frias de Oliveira e Anísio Teixeira*, São Paulo, 09 de abril de 1968c. Arquivo Anísio Teixeira: CPDOC – FGV. AT t 1968.04.09.

TEIXEIRA, Anísio. *O Modelo para a reforma da universidade no Brasil*. Artigo publicado no jornal Folha de São Paulo. São Paulo, 08 de junho de 1968f. Arquivo Anísio Teixeira – CPDOC – FGV. AT t 1968.04.09.

TEIXEIRA, Anísio. *Correspondência entre Anísio Teixeira e Claudio Abramo*. São Paulo, 19 de setembro de 1968g. Arquivo Anísio Teixeira – CPDOC-FGV. AT t. 1968.19.09.

TEIXEIRA, Anísio. *Correspondência entre Anísio Teixeira e Edivaldo Boaventura sobre assuntos educacionais, destacando-se o debate entre Educação e Didática*. Bahia, Rio de Janeiro. 13 de dezembro de 1968i. CPDOC – FGV.

TEIXEIRA, Anísio. *Carta convênio assinada por Francisco Albornoz C. Representante Regional Interino do BID no Brasil*. Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1967. Arquivo: Anísio Teixeira. CPDOC – FGV. AT t 1967.0818.

TEIXEIRA, Anísio. *Correspondência entre Anísio Teixeira e José Vera*. 19 de outubro de 1967b. Arquivo: Anísio Teixeira. CPDOC – FGV. AT t 1967.0818.

TEIXEIRA, Anísio. *Prefácio do livro Introduction to Brazil, de Charles Wagley*. Arquivo: Anísio Teixeira. CPDOC – FGV. AT pi Teixeira, A. 1963.07.10.

TEIXEIRA, Anísio. *Entrevista à revista Manchete sobre educação moderna*. Rio de Janeiro, 28/05/1962. Arquivo: Anísio Teixeira. CPDOC – FGV. AT pi Teixeira, A. 1962.05.28.

TEIXEIRA, Anísio. *Entrevista ao jornal Metropolitano discutindo a ideia de progresso e a conquista dos ideais de liberdade e justiça através da educação*. Rio de Janeiro. Arquivo: Anísio Teixeira. CPDOC – FGV. AT pi Teixeira, A.1962.05.12.

TEIXEIRA, Anísio. *Correspondência entre Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo*. Ministério da Educação e Cultura. Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos - INEP. Rio de Janeiro. 29 de março de 1958b. CPDOC – FGV.

TEIXEIRA, Anísio. *Lei e tradição*. Boletim Informativo da CAPES. Ministério da Educação e Cultura, maio de 1957b. CPDOC – FGV.

TEIXEIRA, Anísio. *Correspondência entre Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo*. Ministério da Educação e Cultura. Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos - INEP. Rio de Janeiro. Agosto de 1957e. CPDOC – FGV.

TEIXEIRA, Anísio. *Minuta de documento sobre a necessidade de cooperação mútua Brasil-EUA no campo da educação e sobre o programa de bolsistas brasileiros nos EUA*. Arquivo: Anísio Teixeira. CPDOC-FGV. AT pi Teixeira, A. 1956.08.20.

TEIXEIRA, Anísio. *Expansão... Ou dissolução. Discurso de posse no INEP*. Ministério da Educação e Saúde. Serviço de Documentação, Rio de Janeiro, 1952d. CPDOC – FGV.

Notas

ⁱ TEIXEIRA, Anísio. *Lei e tradição*. Boletim Informativo da CAPES. Ministério da Educação e Cultura, maio de 1957b. CPDOC – FGV.

ⁱⁱ TEIXEIRA, Anísio, 1952. Texto transcrito por Luís Viana Filho, 1990, p. 133-134. VIANA FILHO, Luís. *Anísio Teixeira: a polêmica da educação*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1990.

ⁱⁱⁱ TEIXEIRA, Anísio. *Expansão... Ou dissolução. Discurso de posse no INEP*. Ministério da Educação e Saúde. Serviço de Documentação, Rio de Janeiro, 1952d. CPDOC – FGV.

^{iv} Correspondência entre Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo. Ministério da Educação e Cultura. Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos - INEP. Rio de Janeiro. Agosto de 1957e. CPDOC – FGV.

^v Correspondência entre Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo. Ministério da Educação e Cultura. Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos - INEP. Rio de Janeiro. 29 de março de 1958b. CPDOC – FGV.

^{vi} TEIXEIRA, Anísio. *Educação não é privilégio*. 7 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

^{vii} TEIXEIRA, Anísio. Aspectos americanos de educação. Anotações de viagem aos Estados Unidos em 1927. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

^{viii} Correspondência entre Anísio Teixeira e Edivaldo Boaventura sobre assuntos educacionais, destacando-se o debate entre Educação e Didática. Bahia, Rio de Janeiro. 13 de dezembro de 1968i. CPDOC – FGV.

- ^{ix} Correspondência entre Anísio Teixeira e Edivaldo Boaventura. Rio de Janeiro. 22 de maio de 1969. CPDOC – FGV.
- ^x TEIXEIRA, Anísio. Minuta de documento sobre a necessidade de cooperação mútua Brasil-EUA no campo da educação e sobre o programa de bolsistas brasileiros nos EUA. Arquivo: Anísio Teixeira. CPDOC-FGV. AT pi Teixeira, A. 1956.08.20.
- ^{xi} TEIXEIRA, Anísio. Entrevista ao jornal Metropolitano discutindo a ideia de progresso e a conquista dos ideais de liberdade e justiça através da educação. Rio de Janeiro. Arquivo: Anísio Teixeira. CPDOC – FGV. AT pi Teixeira, A. 1962.05.12.
- ^{xii} TEIXEIRA, Anísio. Entrevista à revista Manchete sobre educação moderna. Rio de Janeiro, 28/05/1962. Arquivo: Anísio Teixeira. CPDOC – FGV. AT pi Teixeira, A. 1962.05.28.
- ^{xiii} TEIXEIRA, Anísio. Prefácio do livro *Introduction to Brazil*, de Charles Wagley. Arquivo: Anísio Teixeira. CPDOC – FGV. AT pi Teixeira, A. 1963.07.10.
- ^{xiv} Correspondência entre Octavio Frias de Oliveira e Anísio Teixeira, São Paulo, 09 de abril de 1968c. Arquivo Anísio Teixeira: CPDOC – FGV. AT t 1968.04.09.
- ^{xv} Correspondência entre Octavio Frias de Oliveira e Anísio Teixeira, Rio de Janeiro, 29 de abril de 1968. Arquivo Anísio Teixeira – CPDOC-FGV. AT t. 1968.04.29.
- ^{xvi} Correspondência entre Anísio Teixeira e Claudio Abramo. São Paulo, 19 de setembro de 1968g. Arquivo Anísio Teixeira – CPDOC-FGV. AT t. 1968.19.09.
- ^{xvii} TEIXEIRA, Anísio. Correspondência entre Anísio Teixeira e o jornal Folha de São Paulo. Arquivo Anísio Teixeira – CPDOC-FGV. AT t. 1968.04.09.
- ^{xviii} TEIXEIRA, Anísio. O Modelo para a reforma da universidade no Brasil. Artigo publicado no jornal Folha de São Paulo. São Paulo, 08 de junho de 1968f. Arquivo Anísio Teixeira – CPDOC – FGV. AT t 1968.04.09.
- ^{xix} TEIXEIRA, Anísio. *Educação e o mundo moderno*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.
- ^{xx} Carta convênio assinada por Francisco Albornoz C. Representante Regional Interino do BID no Brasil. Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1967. Arquivo: Anísio Teixeira. CPDOC – FGV. AT t 1967.0818.
- ^{xxi} Correspondência entre Anísio Teixeira e José Vera. 19 de outubro de 1967b. Arquivo: Anísio Teixeira. CPDOC – FGV. AT t 1967.0818.

Sobre o autor

Wilson da Silva Santos

Doutor em Filosofia e História da Educação pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP (2016). Atualmente é professor Assistente B, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB e pesquisador colaborador do Museu Pedagógico – UESB. Tem experiência na área de História da Educação e de Filosofia da Educação, com ênfase em História da Política Educacional; atuando principalmente nos seguintes temas: História dos Intelectuais da Educação, Pesquisa Histórico-Sociológica da Educação e Metodologia da Pesquisa em Ciências Humanas.